

QUESTÕES E DESAFIOS PARA A INVESTIGAÇÃO EM GEOGRAFIA AGRÁRIA*

Maria do Carmo Corrêa Galvão**

1. Compromissos de uma Reunião Científica

A realização de uma reunião científica traz consigo indagações e questionamentos, tão mais intensos e profundos quanto mais internalizada a percepção do seu significado como instrumento de aferição, estímulo e avanços do conhecimento, e como canal de revigoração da prática social a que a ciência se propõe.

Define-se nesse contexto um comprometimento da comunidade científica com a sociedade, no sentido de perscrutar seus anseios, identificar e compreender as bases e a dinâmica de seus problemas, participar da formulação e implementação de soluções pertinentes.

O atropelo do cotidiano ou o torvelinho dos próprios congressos pode desviar, bloquear ou esbater a preocupação por essa questão. Não há, porém, como permitir que sob qualquer pretexto se perca de vista o "sentido maior" de que se reveste uma reunião em ciência, pondo em risco seu próprio desenvol-

*Conferência de abertura do IX ENGA (Encontro Nacional de Geografia Agrária), realizada na UFSC em dezembro de 1988.

**Professora do Departamento de Geografia da UFRJ.

vimento, com o que também se esvai sua credibilidade junto à sociedade - de "per si" já tão desesperançada e cética.

Na sessão inaugural deste 99 Encontro Nacional de Geografia Agrária, convém trazer à discussão essas questões como primeiro ponto de nossa reflexão, no sentido de se repensar o valor intrínseco de nosso trabalho e o significado de seu rebatimento no plano social.

Uma tal reflexão nos leva a rever o caminho até aqui percorrido, não apenas como forma de avaliação do desempenho e do amadurecimento alcançado pela Geografia Agrária, mas, sobretudo, como esforço de questionamento e de identificação dos novos desafios a ela impostos pela realidade social, e que balizam nossa responsabilidade profissional.

Vale lembrar a importância e o alcance de um tal esforço, particularmente neste momento em que a promulgação de uma nova carta constitucional concretiza a transição política e econômica do país para uma sociedade democrática - que pretendemos aberta, mais séria e mais justa -, cujo perfil compete a cada um de nós definir, e para cuja construção a Geografia tem o que oferecer.

É portanto com esta proposta de avaliação construtiva e questionadora - empenhada no desenvolvimento científico da Geografia como única via capaz de projetá-la como ÁREA DO CONHECIMENTO socialmente forte, atuante, eficiente e fecunda -, que se colocam aqui em discussão os rumos, problemas e perspectivas da Geografia Agrária.

2. Identidade dos Encontros de Agrária

No cumprimento de suas metas fundamentais traçadas por um roteiro de atividades intensas e proíficas, os Encontros de Geografia Agrária produziram e escreveram sua história - densa, persistente e rica -, que merece ser aqui lembrada pelo muito que representa como referencial para o presente e projeção para o futuro.

Não é propósito deste documento fazer sua narrativa, mas apenas dela extrair os focos que definem a identidade dos ENGA e demarcam sua atuação, no plano acadêmico e na prática social.

O ponto de destaque inicial vem ser a sua própria origem, ainda como uma "simples idéia" surgida no Encontro da AGB em Fortaleza, no calor dos debates que selaram definitivamente à Geografia Brasileira novos eixos de questionamento social e preocupação conceitual-metodológica.

Idealizado por um pequeno grupo de geógrafos dispostos a resgatar e revitalizar esse setor da Geografia (tão produtivo em décadas anteriores), o 1º Encontro Nacional de Geografia Agrária nasceu sob um signo de luta e determinação.

Estruturado e produzido em apenas quatro meses, consubstanciou-se de maneira pronta e decisiva na reunião de Salgado, em dezembro de 1978, e aí, moldado no exercício das próprias discussões e testado no cadinho experimental de sua realização, fortaleceu-se com propósitos definidos, erigindo-se como fórum permanente de debates da Geografia Agrária no país.

O espírito combativo com que foi concebido mantém-se alerta, garantindo sua continuidade na realização de cada reunião, assumida não por uma instituição, mas por geógrafos universitários comprometidos com a disciplina e com os problemas agrários do Brasil.

Esse engajamento pessoal, livre, informal e voluntário - ao invés de um vínculo institucional, de porte regimental e normativo - tem sido a fonte de sustentação dos ENGA e a base de seu fortalecimento como núcleo permanente de debates em escala nacional.

A essa característica de sua identidade ajustam-se diferentes posturas, orientadas para o atendimento de um objetivo específico e claramente determinado: o resgate da Geografia Agrária do estímulo incondicional à pesquisa acadêmica, indispensável à formação de quadros.

Como fio condutor de suas decisões, esta preocupação básica encontra sua forma de expressão primeira, imediata e concreta na dinâmica de trabalho dos próprios Encontros: o sistema

de **Grupos de Estudo** - implementado e mantido até a reunião de Garanhuns -, e o sistema de **Minicursos**, iniciado no ano passado em Barra dos Coqueiros e com prosseguimento neste 9º Encontro. Vale destacar aqui o significado e a importância de ambos. Centrado em textos especiais elaborados por pesquisadores convidados - apresentados em plenário e submetidos à discussão de todos os participantes em pequenos Grupos de Estudo para isso organizados, - o primeiro sistema se firmou como laboratório de ensinamento e investigação. Nele se realizava, através de debates, o confronto de idéias, informações, questionamentos conceituais e metodologias, enquanto a elaboração dos Relatórios de Grupo exercitava o espírito de síntese e a ordenação lógica e clara do pensamento e da linguagem.

O sistema de Minicursos constitui, por sua vez, uma outra vertente mais estruturada, ou uma etapa mais avançada, do mesmo esforço direcionado ao aprimoramento de quadros. A difusão de temas e questões de ponta, viabilidade pelo enfoque direto e compacto das aulas programadas, constitui provocação e estímulo à busca de novos horizontes de conhecimento e de seu aprofundamento nos esquemas usuais da academia.

A preocupação com o fortalecimento da Geografia Agrária manifesta-se igualmente nas modalidades diferenciais de atuação inovadora propostas em cada Encontro. A busca de uma ação multidisciplinar, através da participação conjunta de geógrafos e outros cientistas sociais (economistas e sociólogos) como autores dos textos do debate, representa iniciativa de Rio Claro, que se reproduz em Itatiaia e Uberlândia.

Itatiaia, por sua vez, traz como inovação o Painel integrado por representantes de diferentes segmentos da classe produtora e de grupos associativos ligados ao trabalho e/ou à questão fundiária, colocando na ótica do produtor a discussão de problemas da agricultura que interessam à Geografia e à sociedade em geral.

As excursões programadas por quase todos os Encontros representam outras tantas comprovações de uma preocupação geral e concreta, no sentido de confrontos com as realidades locais e de promoção à investigação como instrumento de fortalecimento

da disciplina.

Da mesma preocupação decorrem, certamente, a sensibilidade e sintonia dos Encontros em relação às grandes questões em debate na Agricultura Brasileira, que emergem de forma transparente, priorizadas nos temários de cada reunião - Reforma Agrária, Pequena Produção, Fronteira Agrícola, Agricultura e Indústrias, Modernização e Políticas Agrícolas, dentre outras.

Não apenas essa sintonia com a realidade social, econômica e política do país merece ser aqui enfatizada, mas também a preocupação com os problemas estruturais da própria Geografia Agrária, que tem trazido, como linha temática de debate, questões de Metodologia e Técnicas de Pesquisa extremamente importantes para seu crescimento. Inclui-se aí a priorização da questão metodológica no I Encontro e no Encontro de Coqueiros, com a realização de uma Mesa Redonda para discussão do tema.

Nesse mesmo contexto de preocupações com o desenvolvimento científico da Geografia Agrária enquadra-se também a discussão de questões referentes ao preparo do próximo Censo Agropecuário, esboçada na reunião do ano passado, e retomada neste Encontro com um Painel especialmente dedicado àquele tópico. Pela relevância intrínseca dos Censos, esta iniciativa expressa a maturidade da Geografia Agrária ao procurar participar do processo de aprimoramento daquele sistema de coleta e ordenação de dados, cuja eficiência é de fundamental importância para o desenvolvimento da investigação, a que ela se propõe.

3. O Perfil dos Encontros através de suas Realizações

O perfil dos Encontros de Agrária se delinea através dos resultados por eles colhidos, seja como realizações objetivas e concretas, seja como efeitos indiretos que se consubstanciam sob vários formatos, em diferentes pontos do país.

Em primeiro lugar há que se mencionar sua produção científica. Definidos pelo temário de cada reunião, os Textos preparados para Debate, Conferências e Painéis passaram a constituir peças importantes da bibliografia geográfica brasileira,

com ampla utilização e aplicação em diversas áreas de conhecimento e também do planejamento.

A esses Textos, acrescentem-se os Roteiros de Excursão, focalizando questões locais ou regionais relevantes, e as Comunicações em número sempre crescente (ainda que em níveis heterogêneos de qualidade), e ter-se-á um quadro expressivo da produção dos Encontros.

Incentivando a pesquisa e estimulando o surgimento de novos geógrafos voltados para questões rurais, os Encontros têm promovido, a um só tempo, a Geografia Agrária e a formação de quadros indispensáveis ao seu desenvolvimento científico.

Nesse particular, vale ressaltar a interação freqüente e, cada vez mais forte entre os ENGA e os Cursos de Pós-Graduação, através de articulações entre teses e comunicações, que são a expressão concreta desse fortalecimento da Geografia Agrária e de seus profissionais em todo o país.

A par dessas realizações, vale lembrar ainda efeitos multiplicadores que ultrapassam seu próprio campo de ação: o estímulo à outros setores de especialização da Geografia no sentido da organização de reuniões anuais de debate a nível nacional, dos quais, a Geografia Física, Métodos Quantitativos e a Geografia Urbana são um exemplo. Ampliam-se assim mecanismos de estímulo à pesquisa e o intercâmbio entre pesquisadores, favorecendo o desenvolvimento de geógrafos e da Geografia.

No perfil aqui esboçado, a preocupação por uma avaliação crítica, exercitada ao final de cada Encontro, merece um destaque especial pelo papel que representa não apenas como hábito salutar, mas como princípio básico absolutamente necessário ao crescimento de qualquer ciência.

Questões importantes têm emergido dessa avaliação que não se limita apenas à análise do próprio Encontro ou à previsão de programação subsequente, mas envolve diretrizes e propostas direcionadas à reorientação de trabalhos, revisão de métodos e reformulação de propósitos.

Talvez mais que qualquer um dos atributos aqui assinalados, esta postura reflète o amadurecimento, a busca de aper-

feioamento e, sobretudo o espírito de renovação permanente que tem caracterizado estes Encontros e que constitui certamente o instrumento básico de sua continuidade e auto-superação.

4. Avaliação e Propostas para Discussão

O resgate da Geografia Agrária, a cuja promoção este fórum de debates se entregou desde sua criação, é hoje uma realidade, cuja dimensão pode ser apreendida através de sua atuação e de seus atores.

Extremamente importante foi o esforço despendido nessa caminhada por todos que dela participaram, e igualmente importante a turbulência deflagrada pelo Encontro de Fortaleza que, atingindo o pensamento geográfico do país como um todo, teve sobre a Geografia Agrária um impacto particularmente intenso (e também mais prolongado que o de outros setores da Geografia), talvez por força de seu próprio debate interno.

Por razões muito fortes e contundentes, cuja discussão foge aos propósitos desta exposição, foi ele o ponto de partida para uma revisão geral de seus postulados e referenciais analíticos, revisão que efetivamente se impunha como condição básica para retomada de seu desenvolvimento e abertura de novos horizontes de indagação.

Em oposição às estruturas analíticas positivas da New Geography, protagonista da quantificação e dos modelos então vigentes, a postura dialética materialista, incorporada com entusiasmo e rapidamente difundida (embora nem sempre com o devido respaldo filosófico), promoveu uma orientação total das investigações, polarizando a atenção e o esforço de grande número de geógrafos, em diferentes instituições de pesquisa do país. Não obstante a força e o vigor do seu impulso inicial, e o significado de muitos dos trabalhos por ele inspirados, o novo modelo em alguns anos se esgotou como processo criativo, permanecendo em sua forma mais radical como via de reprodução, mas não de avanços do conhecimento.

A adoção sumária de postulados teórico-analíticos, destituída de maiores críticas quanto à problemática de sua apli-

cação em diferentes escalas e à situações concretas multivariadas e desiguais, tem levado as investigações a uma homogeneização de forma e conteúdo, que traduz apreciável obstrução à percepção das diferenciações do mundo real.

A confirmação de resultados já esperados, por efeito da predeterminação de seus pressupostos materiais ou econômicos, exprime uma modalidade de determinismo que restringe as possibilidades de explicação da Geografia. O reducionismo economicista assim engendrado e reproduzido nas pesquisas em nada tem contribuído para formulações teóricas em Geografia.

É curioso observar que essa "massificação" teórico-metodológica, que de início não se limitou apenas à Geografia Agrária, já foi superada em outros campos, dentre os quais o urbano e o regional. Novas formas de abordagem e equacionamento de problemas tem aí promovido bases analíticas muito mais amplas e explicativas que as alcançadas até aqui pela Geografia Agrária.

A constatação de que esquemas analíticos estruturalistas rígidos já não davam conta da explicação da realidade teria orientado aqueles setores na busca de novos referenciais. O mesmo não ocorreu com a Geografia Agrária, talvez por força da própria complexidade estrutural e da reduzida flexibilidade topológica da atividade com a qual ela se ocupa - a Agricultura.

Desprovida de um corpo sólido de teoria, a Geografia Agrária se defronta com problemas metodológicos cruciais que estão a exigir uma concentração de esforços, - consciente, persistente e aberta -, no sentido de superar seus limites rumo a novos patamares do conhecimento. Estruturas analíticas mais abrangentes que a luta de classes se fazem necessárias para explicar a diversidade de desigualdades econômicas, sociais e especiais do campo, e que, dependendo da escala de ocorrência, escapam às determinações pura e simples da lógica do capital.

Há que considerar outras estruturas que não as puramente econômicas viabilizando mecanismos de decisão, controle e gestão, ou seja, instrumentalizando tipos diferenciados de agentes sociais e modalidades diversas de apropriação e organização do espaço - rural e/ou urbano, com suas particularidades.

Há que entender a nova dinâmica de uma sociedade em transformação e profundamento marcada por estruturas de poder - político, científico, tecnológico, cultural - que transcendem, se superpõem ou atravessam a teia das relações econômicas em escalas diferenciadas. Importa discernir e compreender a dinâmica das transformações do espaço global e suas especificidades em diferentes níveis de abrangência nacional, regional, estadual e local.

Uma análise crítica das abordagens da Geografia Agrária, assumidas por nós em nossos trabalhos, parece ser uma questão de base que se impõe à nossa reflexão e discussão. Não estaremos nós mesmos conduzindo as pesquisas agrárias a uma "autolimitação", por força dos próprios eixos de abordagem adotados?

Uma preocupação centrada na produção em si e por si mesma, ou focalizada a partir do consumo dentro de uma perspectiva exclusivamente econômica não estará limitando as possibilidades de compreensão de mecanismos de decisão outros que não os determinados somente pela necessidade de ganhos e acumulação?

Focalizada apenas sob a prisma da estrutura de classes determinada pela propriedade dos meios de produção, não estarão sendo marginalizadas ou mesmo excluídas outras dimensões da estrutura social, vale dizer estruturas geradas pelo poder político e/ou ideologias-formas diferenciadas de dominação, controle, prestígio - que se consubstanciam na organização/administração ou gestão do território?

Dentro daqueles eixos rígidos de abordagens não estarão cerceadas as possibilidades de percepção do papel do próprio espaço - concreto, físico, material -, como agente e ator participante dos processos sociais que identificam e individualizam o rural dentro da totalidade social e suas especificidades locais?

Com aqueles enfoques não estará sendo obscurecida, ou esquecida, a capacidade de diferenciação da realidade concreta propiciada pelas escalas geográficas de análise?

Na relação campo-cidade, considerada do ponto de vista exclusivo da troca fundamentada na produção/consumo, em que a ci-

dade determina e o campo executa, não estarão embutidos preconceitos relativos à passividade, atraso e inércia do rural em relação ao urbano? Não estariam aí as raízes de posturas referendadas por expressões tais como "penetração do capitalismo no campo", ou "sujeições do campo a diferentes práticas urbanas"?

Não estaremos nós excessivamente presos à análise da produção vista como quantidade e valor, ou seja, a produção como resultado e não como processo, cuja dinâmica ultrapassa os limites do ato de produzir, e o espaço em que este se realiza?

Não estaremos centrando nossa atenção exclusivamente nas condições ou características internas da agricultura marginalizando as características externas, mesmo reconhecendo sua importância no processo de organização e estruturação do espaço? Não haverá aí uma separação entre o discurso e a prática?

A partir dessas indagações que representam apenas parcelas de um universo muito mais amplo de questionamentos, parece-me válido e oportuno centrar nossa atenção em uns poucos tópicos que poderão enfeixar, como propostas de discussão, as seguintes questões:

- superação do exclusivamente agrário para abranger o rural, do qual o agrário é apenas uma parte, e como tal deve ser entendido e considerado em termos analíticos;
- superação de preconceitos relativos ao espaço agrário como espaço inerte, sujeito à intromissões ou ações do urbano, ao invés de entidade dotada de dinâmica própria, representações autênticas, e capaz de também propor ou criar caminhos para seus problemas;
- superação da oposição campo/cidade como entidades distintas que se relacionam exclusivamente em termos de produção e consumo, admitindo-se para sua compreensão e seu estudo referenciais amplos e integradores, tais como a concepção de Espaço como Totalidade ou a perspectiva da Percepção, a título de exemplo;
- superação de referenciais estruturalistas convencionais e/ou esquemas analíticos tradicionais, pelo resgate ou adoção de abordagens e óticas mais abrangentes - a Política, a Gestão do Território -, fazendo emergir o Es-

- tado, a Empresa, Forças Sociais diversas e o próprio Espaço, como agentes e atores do processo espacial;
- superação de problemas referentes à questões de **escala**, vale dizer: dentro de uma escala ampla, mundial ou planetária, regida pelo econômico - capitalismo global -, buscar as estruturas diferenciadas a nível nacional, regional e local. Admitir a natureza multifacetada da estratificação social em suas diferentes manifestações - classe, poder, status -, reconhecendo que a articulação entre o global e o local se viabiliza através das escalas geográficas;
 - superação dos próprios limites vigentes na Geografia Agrária em busca de novo **embasamento teórico** ou novos referenciais analíticos que possam explicar as especificidades e disparidades do espaço - rural/urbano -, suas origens, suas nuances e suas alternativas, centrando na questão da **produção do espaço e dinâmica espacial** e eixo das reflexões e discussões, no sentido de promover o resgate da relação Sociedade Natureza e a concepção de Espaço Global;
 - reflexão quanto à **prática social** da investigação que implica em tornar viáveis ou exequíveis os resultados da pesquisa geográfica, vale dizer, definir e demarcar suas **estruturas de análise** de modo a prover e sustentar as condições fundamentais para sua realização e seu reatamento no plano social.

5. Conclusão: Compromissos de Renovação da Geografia Agrária

O significado social, econômico e político da Agricultura no processo global do crescimento e desenvolvimento do país, e a diversidade de papéis por ela assumidos na construção e reorganização do território explica a trajetória quase cinquentenária da Geografia Agrária Brasileira, e dentro dela a própria história dos nossos Encontros em diferentes pontos deste imenso continente, desde 1978.

O Encontro de hoje aqui em Florianópolis, o 9º daquela história, nos faz rever o caminho até aqui percorrido, trazendo

como proposta inicial de trabalho um confronto com a realidade social atual, no sentido de uma reflexão cuidadosa e profunda sobre o prosseguimento daquela caminhada.

A proposta me parece não só oportuna como necessária: útil para medir os passos dados, sensata para avaliar os resultados, indispensável e decisiva para prever e prover os rumos que queremos dar à Geografia que realizamos, tendo em vista a produção do conhecimento e sua prática social, face às imensas e rápidas transformações por que vem passando o país nestes últimos anos.

Empreendimentos econômicos monumentais - estatais e privados (nacionais ou multinacionais) -, a que se atrelam modalidades peculiares de comprometimentos sociais e políticos, ou estratégias de poder e relações de forças, consubstanciam-se em estruturas espaciais novas e dinâmicas, que envolvem a sociedade como um todo, com repercussões específicas no meio urbano e no meio rural.

A dimensão e rapidez fantásticas de tais transformações não nos permitem perceber de pronto todo o seu alcance. Sublinhadas pela internacionalização crescente das estruturas produtivas e pelos grandes avanços científicos-tecnológicos deste fim de século, sob efeitos da nova ordem econômica planetária vigente, elas se colocam como desafios à nossa perspicácia e ao nosso entendimento, configurando-se como grandes questões temáticas ou como uma ampla, complexa e dolorosa crise - do campo, da cidade, do Estado, do país e do mundo.

Mobilizando cientistas políticos, geógrafos, historiadores, filósofos e outros cientistas sociais, as discussões sobre a Crise Urbana, a Questão Regional ou a Gestão do Território têm sido levantadas em diferentes centros de Pós-Graduação e Pesquisa, assumindo posturas extremamente amplas e ricas do ponto de vista teórico-conceitual e temático.

A discussão da Crise Agrária, também freqüente e reunindo igualmente profissionais de outras áreas, mais ligados especificamente ao setor rural (Economia Agrícola, Agronomia, Sociologia Rural), não apresenta a mesma abertura de posições. Polarizam-se os debates em alguns poucos focos dos quais se des-

tacam, como binômios a Modernização agrícola/grande lavoura de um lado; Pequena Produção/Reforma Agrária/Conflitos Sociais, de outro. A falta de uma diversificação maior de interlocutores para um esquema de trabalho efetivamente multidisciplinar representa forte limitação à discussão, no sentido de propiciar contribuições novas e originais à produção do conhecimento. A "abertura" do debate agrário à outros setores da própria Geografia e a outras áreas das ciências sociais, melhor dotadas de instrumental teórico-metodológico, representa uma alternativa importante para um debate mais rico e mais dinâmico da Geografia Agrária, interferindo também sobre a extensão e profundidade de sua prática social.

As indagações, avaliações e propostas trazidas à tona nesta comunicação têm em vista o debate sobre a necessidade inadiável de renovação metodológica da Geografia Agrária. Se elas conseguirem mobilizar, nesse sentido, o interesse, o esforço e o empenho de alguns dentre nós, ainda que poucos, terão atingido plenamente a meta a que se propõem.

Bibliografia

- BECKER, Bertha. "Questões sobre Tecnologia e Gestão do Território Nacional. In: **Tecnologia e Gestão do Território**. Rio de Janeiro, Editora IFRJ, 1988.
- CORAGGIO, J.L. Questões Teóricas em Geografia e Geografia e Planejamento. Conferências pronunciadas no Programa de Pós-Graduação e Geografia, UFRJ, setembro de 1988.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1982.
- DAVIDOVICH, Fany. "A Grande Empresa, o Estado e a Reorganização do Território nos Últimos Anos". In: **Tecnologia e Gestão do Território**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1988.
- DINIZ, J.A. Filizola. **Geografia da Agricultura**. São Paulo, Difel, 1984.

- GALVÃO, M.C. Contribuição ao debate sobre perspectivas teóricometodológicas para a Geografia Agrária. 8º Encontro Nacional de Geografia Agrária, Barra de Coqueiros, SE, 1987.
- HOGGART, Keith e BULLER, Henry. Rural Development - A Geographical Perspective. London, Croom Helm, 1987.
- SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo, Nobel, 1985.
- VIELLE, P. "L'Espace global du capitalisme d'organisation". In: *Espaces et Sociétés*, 12, 1973.
- WALKER, R.A. "Two Sources of Uneven Development Under Advanced Capitalism: Spatial Differentiation and Capital Mobility". In: *The Review of Radical Political Economics*. New York, 1978.